



4- Você tem como apoio seu próprio fã clube gerenciado por Elaine Cristina Dias, quais são as principais atividades do fã clube e qual a sua avaliação dele?

Bem, as atividades são todas, desde as cartilhas sociais até a logística nos shows, com vendas de cds, dvds, camisetas, quando se tem uma equipe, tudo fica mais fácil e todas as atividades acabam sendo importantes. E justamente isso acaba se revertendo para uma maior divulgação do meu trabalho, que aumentou consideravelmente depois da criação do fã clube.

5- Como você avalia o cenário dos “Elvis Covers” visto o grande número de covers existentes no Brasil?

É uma coisa muito delicada, visto que qualquer um pode deixar costeletas, fazer topetes, vestir uma Jumpsuit e sair cantando, dançando ou dublando Elvis. Por paixão, opção, moda ou qualquer outra coisa. É como em qualquer outro ramo, têm aqueles que realmente presta o tributo com serieda-

de, responsabilidade e amor, mas infelizmente têm aqueles que brincam de Elvis. Eu além de amar Elvis, amo a sua música e amo a música.

6- Qual é o perfil das pessoas que comparecem em seus shows?

Isso é uma das coisas que mais me alegra, levar esse tributo para as pessoas que começaram a conhecer a obra de Elvis através dos meus shows. Vai de 6 a 60 ou 8 a 80, tem crianças, jovens, adultos, senhores e senhoras. É muito gratificante tudo isso, principalmente para sabermos que ainda existe o bom gosto e o bom senso, não existe faixa etária.

7- Nestes anos de profissão quais são os momentos mais importantes de sua carreira?

Foram e são todos os momentos. No começo nem existia o termo COVER, era apenas um tributo e nada mais. Mas quando se esta no palco interpretan-

Seu ânimo era o melhor possível e me falou da excursão de doze dias que estava prestes a iniciar. Até riu quando me contou que o Coronel, como sempre, espalhara seus cartazes pela primeira cidade do itinerário e que seus discos estavam sendo tocados constantemente, no preparativo para o espetáculo.

— O velho Coronel não é de brincadeira — comentara Elvis.
— Percorremos um longo caminho, mas ele continua a usar a mesma tática antiga. É de admirar que as pessoas ainda estejam comprando.

Eu adorava ouvir Elvis rir, algo que acontecia cada vez menos. Poucos dias antes desse último telefonema, eu soubera que ele andava deprimido e estava pensando em romper com Ginger Alden, sua namorada. Eu o conhecia bastante bem para saber que não seria uma iniciativa fácil para ele. E se soubesse que aquela seria a última vez que conversaria com ele, eu lhe diria muito mais coisas... as coisas que eu sempre quisera dizer e nunca o fizera, as coisas que reprimira por muitos anos, porque nunca aparecia a ocasião oportuna.

Elvis fora parte de minha vida por dezoito anos. Quando nos conhecêramos, eu acabara de completar quatorze anos. Os primeiros seis meses que passei em sua companhia foram repletos de ternura e afeição. Ofuscada pelo amor, eu não percebia nenhum dos seus defeitos ou fraquezas. Ele se tornaria a paixão de minha vida.

Elvis ensinou-me tudo: como me vestir, como andar, como aplicar maquiagem e arrumar os cabelos, como me comportar, como retribuir o amor... À sua maneira. Ao longo dos anos, ele se tornou meu pai, marido e quase Deus. Agora, ele estava morto e eu me sentia mais sozinha e com mais medo do que em qualquer outra ocasião de minha vida.

As horas foram se arrastando lentamente até a chegada do avião particular de Elvis, o Lisa Marie. Por trás de portas fechadas, fiquei sentada, esperando, lembrando a nossa vida em comum — a alegria, a angústia, a tristeza e os triunfos — desde a primeira vez em que ouvi o seu nome.

Priscila, Lisa e
Elvis em 1971



Extraído do livro
“Elvis e Eu” de
Priscila Presley